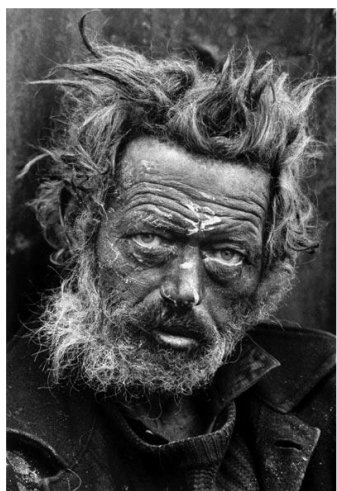


DEUS MENDIGO

TEOGRAFIAS



Luis Cruz-Villalobos



HEBEL

DEUS MENDIGO

TEOGRAFIAS

Luis Cruz-Villalobos



HEBEL Ediciones
Arte-Sana | Poesía

DEUS MENDIGO | TEOGRAFÍAS
© Luis Cruz-Villalobos

Título Original: *Dios Mendigo. Teografías.*
Poemario perteneciente a la obra:
Poesía Toda 1991-2011
© Luis Cruz-Villalobos, 2012.
Registro de Propiedad Intelectual N° 213.820.
Santiago de Chile.

Traducción al portugués: Flavia Romera y Jorge Barro.
Revisión editorial: J.M.

2da Edición Revisada
© HEBEL Ediciones
Colección Arte-Sana | Poesía
Santiago de Chile, 2017.
www.issuu.com/hebel.ediciones

Qué es HEBEL. Es un sello editorial sin fines de lucro. Término hebreo que denota lo efímero, lo vano, lo pasajero, sople leve que parte veloz. Así, este sello quiere ser un gesto de frágil permanencia de las palabras, en ediciones siempre preliminares, que se lanzan por el espacio y tiempo para hacer bien o simplemente para inquietar la vida, que siempre está en permanente devenir, en especial la de este "humus que mira el cielo".

PRELÚDIO

És Tu, és Tu? —Não recebendo resposta, acrescenta rapidamente:— Não digas nada, cala-Te. Aliás, que poderias dizer? Sei demais. Não tens o direito de acrescentar uma palavra mais ao que já disseste outrora. Por que vieste estorvar-nos? Porque Tu nos estorvas, bem o sabes. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Ignoro quem Tu és e não quero sabê-lo: Tu ou apenas Sua aparência; mas amanhã eu Te condenarei e serás queimado como o pior dos heréticos, e esse mesmo povo que hoje Te beijava os pés precipitar-se-á amanhã, a um sinal meu, para alimentar Tua fogueira. Sabes disso? Talvez - acrescenta o velho, pensativo, com os olhos sempre fixos em seu Prisioneiro.

O inquisidor se cala, espera um momento a resposta do Prisioneiro. Seu silêncio lhe pesa. O Cativo escutou-o todo o tempo, fixando-o com Seu olhar penetrante e calmo, visivelmente decidido a não lhe dar resposta. O velho queria que Ele lhe dissesse alguma coisa, ainda mesmo palavras amargas e terríveis. De repente, o Prisioneiro aproxima-se em silêncio do nonagenário e beija-lhe os lábios exangues. É toda sua resposta. O velho estremece, seus lábios tremem, vai à porta, abre-a e diz: Vai-te e não voltes mais... nunca mais! E deixa que Ele se vá pelas trevas da cidade. O Prisioneiro sai.

Fiodor Dostoievski, *O Grande Inquisidor*

*Dedicado ao Logos empobrecido;
A Enrique e a Carmen;
A J. Caputo y G. Vattimo;
E à memória de Facundo Cabral
recém assassinado.*

θεον ουδεις εωρακεν πωποτε μονογενης θεος
ο ων εις τον κολπον του πατρος εκεινος εξηγησατο
João 1:18

A PORTA DA CATEDRAL

Nas portas das catedrais
Juntam-se os loucos e os pobres
Deitam-se no chão
Nos degraus de mármore milenar
Cheiram mal
Parecem horríveis nos seus trapos
Espantam os paroquianos dignos
Que nem se atrevem a olhar tais sujeitos
E passam ao longe com piedade nos olhos

Conta a lenda
Que um dia Deus se disfarçou de mendigo
E se encostou junto à porta principal
Da catedral mais esplendorosa
Contam que com o passar dos dias e das noites
Desse mês invernal
Deus morreu de frio e de fome

Alguns também contam
Que isso aconteceu
Que não é simples lenda
Desde então as catedrais estão vazias
Deus ressuscitado foi refugiar-se noutra parte

Contam que vive feliz por estes dias
numa tenda de ciganos perto de um porto.

DEUS MENDIGO

Este Deus verdadeiro
Singular substância absoluta
(tudo mais é firme porvir)
É muito divertido
É um apaixonado pela vida
E pelos sorrisos simples

Esclareçamos que é sério também
Pois a vida é dolorosa
Por etimológica definição

Num desses lúdicos ultrajes
Nosso Senhor do céu e da terra
Vestiu-se de mendigo
Escolhendo-o como o seu traje predileto

E para cúmulo da ironia
Leva sempre consigo
Um texto de Mark Twain
Como a sua sacra santa Bíblia

O príncipe e o mendigo!
Esse é o texto sagrado!

Costuma gritar pelas ruas
Levantando o velho texto
Com s sua mão trémula
Arrependam-se príncipes e princesas!
Da vossa vida de mendigos!

Grita à boca cheia
E as pessoas olham para ele e sorriem
Porque a esquizofrenia pode ter piada
Quando não a tenho eu mesmo
Ou um familiar que se ama

O Deus mendigo
Deambula pregando pelas praças
E costuma descansar dos seus sermões
Partilhando o seu pão com as pombas
Em profundo e litúrgico silêncio.

O DEUS-PARDAL

Se Deus existisse
Nada mudaria
Dizia Sartre
Desde a sua estrábica perspectiva

Mas está claro
Que o deus platónico
Ou o aristotélico
Ou o não-deus do príncipe Gautama
Ou o Logos estoico
Ou o de Spinoza
Enfim
Nada poderiam mudar
Tal como o deus deísta
Relojoeiro louco
Palrador distante
Impotente por definição
Apático por suprema excelência
Esse Deus
Nada
Zero à esquerda
Definitivamente
Sartre estava certo
Nula ajuda
Um Deus frio e calculista
Impávido
Nada
Mas não poderão negar jamais
Que o Deus-pardal

O Deus empobrecido
O Deus apaixonado pela sua obra de arte
O Deus louco de amor
O Deus mártir
Este e só este Deus
Muda tudo
Tudo deixa em desconstrução
Como os átomos dançarinos.

DEUS ENFERMO

Um dia Deus adoeceu de cancro
Começou a emagrecer
Rapidamente
Olheiras
Voz pastosa
E ninguém o visitava
Na sala do hospital público
Essa sala fria e alta
Com camas metálicas
De um branco que algum dia o foi

Deus olhava
os seus companheiros de sala
Todos enfermos do mesmo inferno
Todos longe
Perto da morte
Cheios de dores
Como ele
Mas na sua maioria acompanhados
Deus por sua vez
Sozinho

Numa ocasião
Despertou exatamente à meia noite
E como nunca
Pensou ineditamente
Na morte
Na sua morte
Mas não a redentora
Não a morte simbólica

Não a morte mítica nem cósmica
Mas numa morte
Como dessas que abundam
Uma morte solitária
Fria
Vazia e triste
Uma morte absurda

Tragou saliva
Olhou pela janela
E viu uma acácia em flor
Sob a luz da lua
Fechou os olhos
Respirou fundo
E chorou.

VISITA AO SENHOR

Num dia triste
Zangado com a minha doce mulher
Cheio de uma amargura
Que não podia esconder
Fui refugiar-me
Na casa do Senhor

Vivia naquele tempo
num edifício antigo
Perto do Parque Florestal

O seu apartamento era simples
Mesa
Dois sofás
Três cadeiras
Oito quadros a óleo
Várias estantes
Discos antigos e novos
Enfim
Um lugar normal
Cheio de luz e tépido
Como tem que ser
A casa de um amigo de verdade

Ali estava eu
Com umas quantas lágrimas
Prestes a caírem
Subindo o velho elevador
Piso sete

Porta setenta e sete
Toco a campainha
E Ele abre a porta

Olá
Zangaste-te com ela
Diz lendo os meus olhos

Sim
Respondo em silêncio

Entra
Trago-te um café

Sentamo-nos

Silêncio

Silêncio
Meu e d'Ele

Silêncios que se juntam
E se compreendem

De repente põe-se de pé
Passa a sua mão pelo meu ombro
E diz-me

Deixo-te de dono de casa
Pois devo sair para um encontro

Fico então só
Olhando o entardecer
De uma perfeita e móvel aguarela
Na varanda
Em profunda paz.

A ESPÍRITO DE DEUS

A todas elas

A Espírito de Deus
É sensível e terna
Como um sopro
Alento delicado
É como uma donzela
Que se transforma em beija-flor
E posa no ar
Para beijar as flores
E se deter sobre as águas
Para criar a vida
No início dos tempos

A Espírito de Deus
Feminina e doce
Como mãe e avó
Foi viver
No coração das crianças
Também no pão
Na geleia de amora
E na água das vertentes

A Espírito de Deus
Um dia recordo tê-la visto
Como branca pomba
Ensopada pela chuva
No beiral do antigo templo
Desconsolada
Tiritando de inverno
Ao ver ao longe

No monte da caveira
o seu amado pedreiro
Jovem robusto e luminoso
Morrendo a morte
De todos os malditos e condenados.

INALANDO TOLUENO

Às crianças e jovens do porto

Era de noite
Às portas do mercado
Do fedorento porto
E ali foi dormir
Deus onipotente
Criador do céu e da terra

Curiosamente ninguém o ignorou
E deixaram-lhe um espaço
No meio dos corpos
Húmidos e sujos

Essa noite foi especial
As crianças dormiam tranquilas
Sem sobressaltos sodomitas
Sem frio
Sem fome
E nada teve a ver com o tolueno
Não foi obra da sua magia

Porém Deus nessa noite
Estremeceu de pena e pudor
De frio e de fome
Descobriram-no inclusive inalando
Aquela substância milagrosa
Que por uns minutos o distanciou
da miséria.

DEUS ATEU

Em memória de A. Schopenhauer

Um dia
Nublado e frio
Deus fez-se ateu
Não acreditou mais
Negou-se a confiar
Na vida além-túmulo
Na esperança eterna
No amor universal
E em si mesmo

Deus sem Deus
Caminhava cabisbaixo
Pelas ruas da cidade
Parecia um mortal qualquer
E começou a emagrecer
O seu coração tornou-se fel
E deixou de falar
Deixou de sorrir às crianças

Ali ficou
Um dia qualquer
Depois de vários anos
Sentado num parque
Olhando os seus sapatos
E remoendo solidões
Com a sua capa negra
E as suas mãos nos bolsos
Em silêncio

Logo chegou o guarda do parque
Pensando que era um mendigo

E o Senhor
Que faz aqui
Disse de um modo inquisitivo

Deus lentamente
Levanta a olhar
E encara-o desde o fundo

É exatamente
O que me tenho vindo a perguntar
Já há vários meses

Responde Deus sem Deus
Quase morto de vergonha.

VELHO DEUS

Deus
Misteriosa e inexplicavelmente
Considerando a sua perfeita essência
Um dia fez-se velho
Não podia mastigar bem
Já não controlava o esfíncter
Começou a esquecer as coisas
E a repetir as mesmas histórias

Os seus filhos e filhas
Puseram-se de acordo
E levaram-no a um lar
Onde outros cuidariam bem dele
E ali ficou Deus esquecido

Hoje podem vê-lo conversar
Com os seus amigos
Que às vezes andam por outros mundos
debaixo de altas doses de benzodiazepinas
A quem costuma repetir as suas aventuras
De como esculpiu a seu querido Adão
Como se lhe ocorreu a arca
Como dividiu o mar vermelho
Como multiplicou os pães
Como deixou vazia a tumba
E de como brevemente voltará em glória
Fazendo voar pelos ares
Lugares como estes
Onde o foram deixar
Aqueles e aquelas que ele tanto amava.

DEUS VERMELHO

À Patrícia

Nesses longínquos dias
De descontentamento e utopias
Deus decidiu juntar-se
Às fileiras da revolução vermelha

Era estranho n'Ele
Apoiar uma causa tão dura
Especialmente uma causa
Da qual o consideram ausente por definição
Porém ali estava
Um a mais nas hostes
Que lutaria pelo povo
Até que o povo
Fosse o que sempre foi suposto ser
Seu próprio dono
Livre e soberano

Para se motivar
Recordou
Esses parágrafos de São Lucas
Onde descrevia a primeira comunidade
De nazarenos em Jerusalém
Como irmãos e irmãs
Que vendiam tudo de seu
O Pessoal
E o Privado
Para fazê-lo nosso
De todos e cada um
E encontrou mais sentido
no seu gesto de utópica decisão

Ali estava Deus
Sendo instruído
Por esses jovens sonhadores
Que tinham chegado da ilha
E manejavam com destreza
Rifles e fuzis
Bombas e explosivos
Enfim
Ferramentas de mudança
Recursos para a transformação vermelha

Deus tinha as suas dúvidas
Em especial
Quando aprendeu a ocupar
Aquelas facas
De gume sem igual
Estas deviam dar uma veloz saudação
Nas gargantas dos infelizes
E logo
A vida voaria
Como quem diz *basta!*

O treinamento foi completo
Aprendeu a esquecer os nomes
E os números
Fez-se especialista em amnésia
Para resguardar os companheiros

Mas uma noite
A mais escura de todas
Enquanto Deus meditava em silêncio
Soldados vestidos de guerra
Capturaram-no em sua casa
E levaram-no cego

para salas desconhecidas
Onde conheceu a morte de muitos
Onde aprendeu de uma vez
O rosto mais macabro dos homens
Onde soube que muitos daqueles
Que Ele havia criado para o amor
Não eram mais que demônios encarnados
Bestas sem consciência
Que arrancavam palavras
Com a violência mais experimentada e rude
A mais degenerada e sinistra

Deus chorou
Nunca o tinha feito desse modo
Chorou de medo
De vergonha
De raiva
De fome e de sede
De asfixia repetida
De espasmos elétricos
De pudor violado
De silêncio fiel e viril

Deus vermelho
Ensanguentado
Sonhador
Equivocado ou não
É o mesmo
Quem sabe onde ficou
Não houve lápide
Não houve tumba
Foi um desaparecido.

TAXISTA

Ao Sr. Manuel

Por um tempo
Um par de anos talvez
O Senhor todo poderoso
Criador dos céus
exerceu o ofício de taxista

Costumava contar histórias
Aos passageiros stressados
Perguntava-lhe sobre a atualidade
E cobrava o justo
Talvez um pouco menos
Pois sabia daquele costume
Das grandes cidades
Do *fique com o troco*

Assim Deus
Salvou muitas vidas
Pois cada dia
Deixava uma semente
Simplesmente
Nos corações dos seus passageiros
Que lhe respondiam
Em geral
Com um surpreendido sorriso
De gratidão
Ante o inefável obséquio
Daquela lapso de misteriosa paz.

ESCRITÓRIO E DEMISSÃO

Deus trabalhava num escritório do centro
Cubículo pequeno
Com um ar condicionado
Que nunca funcionou
Preparava café para o chefe
Corria de cá para lá
Toda a atarefada manhã
De banco em banco
Por vezes sentava-se na praça
Olhava as pombas
Comia um sanduiche
Um sumo de pacote
E seguia o seu afã pulando o almoço

O regresso a casa pela tarde
Para o Senhor sempre eterno
Era igual ao traslado da madrugada
Hora e meia
Transbordos de autocarro-metro-autocarro
Apertões e empurrões
Pouco ar
Sonolência

Deus chegava esgotado
Cansado das tarefas
Ligava a TV
Assistia às notícias
E adormecia no sofá
Para logo despertar dormente
E ir para a sua cama

Nessa manhã foi tudo igual
Para nosso Senhor
Despertador intolerável
Duche
Pão com margarina
Café forte
E logo autocarro-metro-autocarro
Corrida de quatro quarteirões
Elevador cheio para o décimo andar
Cartão picado
E já
Mas dessa vez
Sobre a sua mesa
Um envelope

*Por necessidades da empresa
Prescindimos dos seus serviços
Passe para buscar o seu acerto*

Perante sete anos
Que iam cano abaixo
Deus sentiu-se mal
Muito mal
Nunca lhe tinha acontecido

*Demitido
Pensou*

Saiu para a rua
Com todo o tempo livre pela frente
Com todo o tempo inútil
Com todo o tempo vazio

Comprou o jornal
Para procurar um trabalho
Mas era complicada a coisa
O nosso onisciente Deus
Não tinha estudos terminados
Por isso a busca durou dias
Semanas e meses

O pobre não podia mais
Passou inclusive pela sua cabeça
Começar a beber em demasia
Saltar de uma ponte
Mas não
Como não haveria de aparecer um trabalho
Um simples trabalho
Para alguém que tinha a disposição
E a necessidade
Mas nada

Faz um ano e três meses
Que Deus está sem trabalho
E as contas acumulam-se
O crédito do instituto
A água
A luz
O gás
Deus ex-empregado de escritório
Agora demitido
Olha o calendário
E parece-lhe infinito
A Ele
Que criou o infinito.

DEUS ILEGAL

Aos milhões de indocumentados

Como todos saberão
O nosso Deus justo e amoroso
É estrangeiro
No planetário sentido da palavra

Uma vez pediram-lhe os documentos
E a policia não ficou satisfeita
Para além disso, o seu sotaque
O seu tom de pele
O seu ar suspeito
Tudo indiciava que teria que partir
Nem por turista passava

Pegaram-no pelos colarinhos
Revistaram-no até às cuecas
E deixaram-no na fronteira
E assim humilhado
Partiu Deus à procura de outro lugar
Mas a história repetiu-se

*Este ilegal de merda
O que faz aqui
Veio roubar-nos
Ficar com os nossos trabalhos
Que se vá o maldito*

E de fronteira em fronteira
O Deus único

Criador da terra e dos mares
Indocumentado
Partia a procurar um lar
Mas nada
Era estrangeiro em todas as partes
Por último
Decidiu simplesmente
Usar passagens fronteiriças ocultas
E viver na clandestinidade.

DEUS DOWN

Ao sonho de Cristian A.

Deus
Um dia apareceu nas ruas
Com um rosto especial
A inocência era a auréola de seu rosto
E a fria abstração distanciou-se da sua frente

Deus Down
Alegre e cândido
Criança e Amor
Carícia encarnada

Muitos pensaram que era mais um
Desses meninos
Que o destino havia marcado
Com essa dolorosa trissomia do par 21
Mas não
Era Deus
Deus mesmo
Diminuído em onisciência
Mas aumentado em simplicidade
E em espontâneo beijar

O Mestre
Já não tinha resposta às perguntas
Já não discutiria com Nicodemos
Nem com Gamaliel
Com Hegel
Ou Nietzsche

Simplesmente sorria
E cantaria a sua canção breve
Daria um aplauso
E seguiria as borboletas

Deus Down
Cheio de amor para semear
Cheio de instante
Aqui e agora
Para sempre.

O “DEUS” GUERRA

Às crianças do oriente médio

Enquanto Deus
O único e verdadeiro
Se Vestia de criança
Mefistófeles colocou o seu traje luzes de néon
E foi seduzir pela terra
Dedicou-se como sempre
Aos reis do momento
E com os seus subornos de poder e glória
Instaurou a guerra
Multitudinária
Infernal
Insuportavelmente memorável

E Deus
Ali estava
Vestido de criança
Chorando junto aos outros
Enquanto soava a sirene
Dos bombardeios

Contam que estava num refúgio
Quando os verdugos libertários
Lançaram o míssil preciso
exatamente pela chaminé
(logo se elogiariam por tanta pontaria)
E fizeram voar em pedaços os corpos
De todos os meninos e meninas
Que naquele dia

Se escondiam ali do inferno
E que não entendiam
Nem entenderão pela eternidade
Toda a guerra.

FILHA – MÃE – SOLTEIRA

Deus tinha uma filha adolescente
Que engravidou

O Senhor alegrou-se diante da notícia
Pelo milagre da vida
Sempre um dom profundo
Mas também se agarrou a cabeça
Com as suas duas mãos gastas
Pensando onde foi que havia errado

*Minha pequena
Jovencinha de apenas quinze
Como foi possível
Perguntava-se e olhava-a de longe
Em que é que falhei
Continuava a perguntar-se*

Dormia de noite
Durante os meses da gravidez
Pensando no seu neto
(com clarividência
Já o sabia rapaz)
E imaginava-o correndo
Indo com ele ao estádio
Ou lançando papagaios no parque

No entanto todas as manhãs
Ao despertar descobria
Cada dia com menos surpresa
Que seu travesseiro
Estava molhado.

DEUS DIMINUÍDO

A Carla

Ninguém sabe como
Um dia Deus apareceu em cadeira de rodas

Alguns pensaram que era uma brincadeira
Que não era possível
Que Deus andasse assim
Mas aí estava
Com uma lesão a nível lombar irreversível

Era difícil para muitos
Continuar a acreditar n'Ele
O Todo-poderoso
O-atende-desejos
Milagroso por definição
Neste estado
Mas Ele não se importava
E aí estava
Com as suas pernas sem sensibilidade
Necessitando de ajuda
Para subir escadas
E sentar-se nos autocarros
Enfim
Um Deus diminuído

Deus sorria
Apesar do seu estado
E todos começaram a duvidar da sua sanidade
De fato várias devotas
Deixaram de acender velas
E outras mudaram para seitas mais promissoras

Mas Deus ali
Com o seu rosto sorridente
e a sua bela atitude de esperança
Saia cada manhã para enfrentar a jornada

Que dia lindo!
Ajuda-me a atravessar rua, por favor

Eram as suas primeiras palavras.

ÓRFÃO E VIÚVA

A Ernesto Cardenal, por exemplo

Contam que Deus
O mesmo que fez dançar
O primeiro átomo de hidrogénio
E que sabe o número
de todos os sistemas de galáxias
Costuma visitar os órfãos
E as viúvas
Pela noite

Sussurra-lhes uma canção
Ao ouvido
Beija-lhes a testa
E parte triste
Desejando fazer-se carne
Fazer-se pai/mãe palpável
Fazer-se esposo/esposa visível
Mas já não pode
É outro o projeto

Por ele
Parte veloz
Como vento espectral
A sussurrar a mesma toada
Ao ouvido daqueles que lhe têm
Um amor extremado
Indiscriminado
Profundo
E que estão e estiveram dispostos
A ser os pais/mães/esposos/esposas
Dos desolados da terra.

A PERDA

A Maxy

Contam que há muitos anos atrás
Deus vivia tranquilamente
Com a sua esposa e o seu filho pequeno
E que um dia
O seu rebento amanheceu muito enfermo

Levaram-no ao hospital público mais próximo
Num táxi que pagaram
Com notas e moedas
Que não lhes sobravam
E deixaram-no nas mãos dos médicos

Passaram as horas
E Deus ansioso e cansado
Olhava o relógio na parede
Médicos e enfermeiros corriam
De cá para lá
E de lá para cá
Mas nada
Deus continuava ali
Roendo as unhas
Junto à sua esposa
Sem saber o que pensar

Finalmente um médico aparece
Pela porta da UCI
E com voz séria e contida
Anuncia-lhes
Como explosão estrelar

(supernova de dor)
A morte do seu filho
O seu amado

Deus abraça a sua esposa
E ambos se agarram um ao outro
Sabendo-se a única coisa que têm
E entre soluços e silêncio
Buscam consolo
Até hoje.

SUA HORA

Ao jovem pedreiro de Nazaré

I. Prelúdio

E ali estava Deus
Tinham-no despido
Vergonha do Cosmos
nu como um menino

Logo lhe puseram em cima
Um manto imundo
Como o do rei do sarcasmo

Deus despido
Deus vestido de chacota

E começava
A mais profunda tortura
O escárnio sideral

Coroa de espinhos
Do lixo dos campos
De material desprezado
Que agora abraçava a cabeça
Do Soberano Criador
Despido e revestido de humilhação

E um cetro
Que rei digno de carregar esse nome
Não teria o seu próprio cetro?

Para Ele um pau esfarpado
Um pau seco e curvo
Para a sua mão direita de Rei-miséria
Agora cospem na sua face
O sangue diluiu-se
E desce até à sua barba e ali se confunde

Deus
Despido e recoberto de escárnio
Coroadado de dor e com um cetro de pau

Agora pranto e sangue e saliva de iníquos
Lava o seu rosto divino
Que incompreensivelmente
Parece a encarnação
da impotência e da miséria

Mas não basta
Há que fixar bem a coroa
E com o seu cetro golpeiam a sua cabeça
Os espinhos perfuram mais fundo
E a dor vermelha desce e cai ao chão
E caem com ela
As últimas gotas de dignidade que lhe restavam
A Deus
Ao Criador Eterno
Ao Logos feito carne
Carne de matadouro
Carne de sacrifício
Pela tua vida e pela minha

II. Vitória frente a Tentação Final

Ao longe
E cada vez mais perto
O monte da caveira
Essa que sempre gratificou a morte
Gólgota de antigamente e de hoje e de amanhã
O monte da caveira esperava
E sem poucos tropeços
Deus feito pó
Caminhava com o peso do mundo
nos seus ombros de Homem-Deus-Filho
E a hora exata chegava
O Filho devia ser alçado
Para que a todos atraísse com o seu olhar
Com a sua cruz reconciliadora
Do céu e da terra

Ali estava o Senhor
O Kúrios absoluto
Novamente nu
Mas desta vez ninguém cobriria seu corpo
Nem por chacota nem por compaixão

Despido
Com a vergonha dos Universos na pele
E com a sua coroa de espinhos
Como única indumentária

E começou a chegar ao seu ouvido
Como tantas vezes
Mas agora a voz crescia potente
Como coro infinito
Multidão polifónica que gritava

Não morras!
Se és o Rei
O Cristo/Messias
O Filho de Deus
Não morras!

E Satã em seu interior gemia
A súplica como rei tentador

Não morras, por favor!
Filho do Altíssimo não morras
Que se morres matas-me
Que se morres eu morro para sempre
E deixo o meu reinado
Não morras Deus!
Jesus misericordioso tem piedade de Ti!
E não morras pelo amor de Deus
Se salvaste outros, salva-te a Ti mesmo
Se curaste outros, cura-te a Ti mesmo
E não morras

Satã com mil vozes
Canta e entoava o hino
Da tentação final

Não morras!

Mas Cristo vence
Jesus
Com o coração destroçado
E o rosto contorcido
Pela dor do abandono
Grita por ti e por mim

Desde o fundo inferno da alma

*Deus meu, Deus meu
Porque me abandonaste!*

E no templo de Jerusalém
Momentos depois
Escuta-se a resposta do Pai
Ao romper-se o véu do templo
Que simbolizava a separação
De Deus com os homens
O véu rasga-se de cima a baixo
E Deus canta a sua elegia e ode

O Deus-cordeiro
Venceu com a sua morte
Cobriu o abismo
Triunfou sobre a sua última tentação
Morrendo
Como a semente que cai na terra
Para logo renascer
E trazer muito fruto de vida nova e eterna
Para todos os que o acolhem
Com fé e esperança.

FIM

POSLÚDIOS

Como é possível, depois de Auschwitz, a fé em Deus e o ser-se homem? Não sei. No entanto ajuda-me a história que conta E. Wiesel no seu livro sobre Auschwitz (Night). Dois homens judeus e um menino foram intencionalmente enforcados na presença de todos os presos. Os homens morreram logo. Os tormentos do menino duraram muito tempo. "Então gritou alguém detrás de mim: Onde está Deus?" Emudeci. Ao fim de meia hora voltou a gritar: "Onde está Deus? Onde está?" E uma voz dentro de mim respondeu: Onde está Deus? Está ali pendurado na forca."

Jürgen Moltmann

O meu sofrimento e o dos demais são e permanecem um mistério. A dor de um inocente é um escândalo. É inútil reduzi-lo à chave da lógica. Por favor, não maltratemos o mistério. Evitemos as nossas pretensões de explicações lógicas. Além disso, já encontrei a resposta. Não é uma resposta convincente intelectualmente e nem sequer exaustiva desde um ponto de vista racional. Algo melhor. Abro o Evangelho e encontro-me com Cristo ante o sepulcro do seu amigo Lázaro. Está rodeado por uma multidão que mastiga os seus próprios por quês: "Não podia ele, que abriu os olhos do cego, fazer que não morresse este? (João 11:37). Encontramo-nos diante do estúpido dilema de sempre: Ou Deus não pode impedir o mal, ou então não é onipotente, ou é e não quer, e então não é bom. Cristo não responde

diretamente à pergunta. Responde com duas palavras: "Jesus chorou". Fico com esta imagem: o rosto de Deus sulcado pelas lágrimas. Já não me interessam os doutos volumes sobre o problema do sofrimento. Basta-me esta notícia. Deus não quer os sofrimentos das suas criaturas. Deus não aceita tranquilamente a dor humana. Deus chora. Basta-me isso. Agora posso expressar-te o meu agradecimento por essas lágrimas mais convincentes que todas as explicações.

Alessandro Pronzato

Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe

dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira em sua boca. Contudo, foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão. Depois do sofrimento de sua alma, ele verá a luz e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniqüidade deles. Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes, porquanto ele derramou sua vida até a morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele levou o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.

Isaías 53:3-12 (NVI-PT)

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, 6 que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo[b], tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma[c] humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! 9 Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.

Filipenses 2:5-11 (NVI-PT)



Luis Cruz-Villalobos (Santiago, 1976). Poeta y editor chileno. Es ministro presbiteriano, psicólogo clínico y candidato PhD (VU Amsterdam). Cuenta con una amplia producción poética (además de trabajos académicos en sus áreas de especialidad), con más de cincuenta obras publicadas, dentro de las cuales se destacan: *Poesía Teológica* (2014), prologada por el reconocido filósofo norteamericano John D. Caputo, y *Como Abrazo Exacto* (2015), antología seleccionada y prologada por el destacado poeta Alfredo Pérez Alencart, de la Universidad de Salamanca. Vive en Santiago con su esposa y sus tres hijos.